

ALEXSANDRA SAMARITANA FERREIRA DOS SANTOS

**ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DOS CIEPS:
Um recorte na educação brasileira**

**RIO DE JANEIRO
2005**

**ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DOS CIEPS:
Um recorte na educação brasileira**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade
Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciatura
em Pedagogia.

Aprovada em 10 de dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

L. M. Coelho

Prof^a. Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho - Orientadora

Sul Brasil Pinto Rodrigues

Prof^o. Sul Brasil Pinto Rodrigues

L. M. Coelho

Prof^a. Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

Rio de Janeiro
2005

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Lígia Martha e ao professor Sul Brasil, que me auxiliaram na escolha e no desenvolvimento deste trabalho. A minha família e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando durante toda a graduação e ao CIEP Mário de Andrade, que se tornou o principal objeto de estudo, contribuindo bastante para a finalização do trabalho.



EPIGRAFE

Somos inocentes?

**Quem, letrado, não tem culpa neste país
de analfabetos?**

**Quem, rico, está isento de
responsabilidade, neste país de miséria?**

**Quem, saciado e farto, é inocente neste
nosso país da fome?**

Somos todos culpados.

Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

Capítulo I – Introdução	05
Capítulo II – Centro Integrado de Educação Pública: a escola dos sonhos...	09
2.1 – Aspectos físicos	12
2.2 – Fundamentos político-filosóficos	15
2.3 – Aspectos pedagógicos	16
Capítulo III – E o sonho, foi realizado, quase vinte anos depois?.....	21
3.1 – O CIEP 392 - Mário de Andrade	28
3.2 – Aspectos físicos do CIEP 392	29
3.3 – Fundamentos político-filosóficos	30
3.4 – Aspectos pedagógicos	32
Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas	36
Anexo	37

INTRODUÇÃO

A educação brasileira é tema que, há muitos anos, gera discussões. Debate-se, entre outras possibilidades, sobre concepções de formação do cidadão por meio da educação formal e, dentro desta, sobre quais metodologias utilizar para chegar a uma formação efetiva e mais completa do ser humano.

O Curso de Pedagogia, da Escola de Educação da UNIRIO, aposta em uma educação humanística onde se formem cidadãos autônomos e críticos. Nesse sentido, há pesquisas e trabalhos de extensão voltados para concepções alternativas de formação do cidadão, e uma delas é a Educação Integral em Tempo Integral. Há professores que trabalham com esse objeto de estudo que tem, no Brasil, como principal teórico e incentivador, o educador Anísio Teixeira.

Nas décadas de 20 e 30 - comprometido com a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade -, o professor Anísio Teixeira (1989) acreditava que, para a formação do cidadão pleno, era necessária uma escola que:

(...) não poderia ser nem de tempo parcial, nem uma escola somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola, sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão. (p.13).

Quando iniciei este Curso, sabia que teria de elaborar uma monografia para concluí-lo, mas não tinha idéia sobre qual tema trabalhar. No entanto, após frequentar a disciplina optativa *Educação Fundamental em Tempo Integral*, onde discutíamos as diferenças entre educação integral e tempo integral, e aprofundar este assunto na disciplina *Sociologia na Educação*, em que refleti um pouco mais sobre esta modalidade de educação, meu interesse fez com que eu escolhesse o **tema** Educação Integral em tempo Integral para elaborar esta pesquisa de final de curso.

Sempre gostei de analisar, ainda que de forma incipiente, situações atuais com os fatos ocorridos em tempos não tão “atuais”. Uma das coisas que me fascina na leitura dos teóricos considerados clássicos é a atualidade / contemporaneidade de seus pensamentos. Por isso, na disciplina *Sociologia na Educação*, elaborei um trabalho final que tinha, como objetivo, comparar a concepção de Anísio Teixeira sobre escola pública, nos anos 50, com a proposta pedagógica dos Centros Integrados de Educação Pública -CIEPs -¹, criados por Darcy Ribeiro no governo de Leonel Brizola, na década de 80.

Nesse trabalho, pude observar que o projeto dos CIEPs se aproximava muito do projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro - a Escola Parque - fundado por Anísio Teixeira, na Bahia, na década de 50. Estes projetos/escolas tinham em comum a proposta de funcionamento em horário integral, o cuidado com as crianças desde a higiene e saúde, a preparação para cidadania, entre outras semelhanças.

A partir da realização deste trabalho, apareceram para mim algumas **questões** que despertaram meu interesse em conhecer um pouco mais sobre o projeto dos CIEPs e verificar as condições atuais em que se encontram, ou seja:

- Qual concepção filosófica e pedagógica embasou a criação do projeto dos CIEPs?
- Atualmente, o CIEP ainda mantém esta concepção na sua prática cotidiana?

Estas questões fizeram com que meu **objeto** de estudo fosse definido como *Educação Integral em Tempo Integral nos CIEPs*. E, a partir deste objeto, defini igualmente o meu **problema**, ou seja, inquietava-me a *relação entre as concepções*

¹ Os CIEPs – Centros Integrados de Educação Pública – foram criados com o objetivo de implantar educação integral em tempo integral nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. A meta a alcançar, segundo o Governo Brizola (1982-1986) era a construção de 500 desses prédios.

inicias do projeto dos CIEPs e a prática atual, desenvolvida dentro dessas escolas públicas.

Nesse sentido, os **objetivos** estabelecidos procuraram responder as questões apresentadas, de forma a enriquecer o meu conhecimento sobre este objeto de estudo. Foram então assim definidos:

- 1 – Analisar a concepção filosófica que norteia/norteou o projeto dos CIEPs.
- 2 – Verificar o funcionamento dos CIEPs, nos dias de hoje.

Os **limites** deste trabalho foram estabelecidos considerando o pouco tempo que tenho para uma análise mais profunda do objeto em questão. O tempo estipulado para pesquisa é de mais ou menos quatro meses, iniciados a partir de agosto de 2005 e, por falta de tempo hábil, este estudo ficou limitado à observação de apenas um CIEP, localizado à Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

Quanto à fundamentação teórica e ao estudo bibliográfico, foram selecionadas, inicialmente, duas obras referentes às fases de implantação do projeto dos Centros Integrados de Educação Pública: a primeira na década de 80 e a segunda na década de 90, bem como um artigo de Anísio Teixeira, *Educação não é privilégio* (1989). Obviamente, durante a pesquisa foram lidas e analisadas outras obras relevantes para fomentar ou esclarecer os pontos estudados.

Esta pesquisa consiste em um estudo de cunho teórico-prático e, para o seu desenvolvimento, foram utilizadas observações assistemáticas em um CIEP, como já citamos, localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Também foi realizada pesquisa bibliográfica, a partir de leitura e análise de obras específicas sobre o trabalho desenvolvido nos CIEPs, confrontando este arcabouço teórico com que foi observado *in loco*.

A estrutura deste estudo está organizada em 3 capítulos, mais as considerações finais, sendo considerado como primeiro capítulo esta Introdução, que contém seu tema, problema, objetivo e questões. O segundo capítulo está dividido em três itens. No primeiro item, analisamos as bases do projeto dos CIEPs, discutindo sobre seus aspectos físicos (prédio, estrutura, mentor etc). O segundo item verifica seus fundamentos político-filosóficos, qual embasamento teórico é utilizado no projeto, analisando o tipo de cidadão que o CIEP pretende formar, e o terceiro item estuda seus aspectos pedagógicos, procurando observar como esses procedimentos poderão ajudar na formação do cidadão.

Para a construção do segundo capítulo, levamos em consideração a leitura e análise de duas obras básicas sobre os Centros Integrados de Educação Pública: O Livro dos CIEPs, escrito por Darcy Ribeiro, durante a implantação do I Programa Especial de Educação² e CIEPs e CIACs – A Educação como Prioridade, obra igualmente elaborada por Darcy Ribeiro, desta vez, durante o II Programa Especial de Educação. O segundo capítulo tem, como objetivo, responder a primeira questão desta pesquisa.

Do terceiro capítulo fará parte a descrição das observações assistemáticas realizadas no CIEP 392 – Mário de Andrade, levando em consideração a análise de cada item discutido no segundo capítulo. O objetivo deste capítulo é responder a segunda questão desta pesquisa, comparando a prática desenvolvida nesta escola pública com a fundamentação teórica proposta anteriormente.

Esta pesquisa é de grande **relevância**, devido à oportunidade de investigação de uma realidade escolar atual e cotidiana, comparada com um quadro escolar de vinte anos atrás, ou seja, precisamos levar em conta que a concepção de educação e de escola contida no projeto dos CIEPs foi elaborada na década de 80, e o primeiro CIEP – Tancredo Neves – inaugurado em 1985. Portanto, vinte anos após, em 2005, que práticas estarão sendo desenvolvidas nestas escolas?

² O I Programa Especial de Educação (I PEE) originou o projeto de implantação dos CIEPs.

2- Centro Integrado de Educação Pública: a escola dos sonhos

Os Centros Integrados de Educação Pública nasceram da idéia de acabar com uma educação que atendia somente à elite, deixando as classes populares à margem da instrução.

Um estudo feito por Darcy Ribeiro sobre as matrículas efetuadas de primeira a quarta série do nível fundamental, no período de 1975 a 1980, ressalvadas as diferenças temporais, praticamente repete os resultados do mesmo estudo feito por Anísio Teixeira, no período de 1933 a 1953. Ambos chegam a conclusão que a solução para os problemas da educação brasileira não está em criar mais escolas, aumentar o número de turnos, e assim, engrossar o número de matriculados nas séries iniciais do ensino básico, mas sim, na postura que a escola deve ter perante o seu alunado.

Segundo Darcy Ribeiro (1986), *“nossa escola fracassa por seu caráter cruelmente elitista”*, e ele continua, dizendo:

(...) temos uma escola primária não só seletiva, mas elitista. Com efeito, ela recebe as crianças populares massivamente, mas, tratando-as como se fossem iguais às oriundas dos setores privilegiados, assim as peneira e as exclui da escola (...) Ela, de fato, se estrutura para educar as classes abandonadas e não o povo, que constitui a imensa maioria de sua clientela. (p.14)

Por outro lado, Anísio Teixeira (1989), em seu estudo, expressa sua indignação afirmando que:

(...) se tomarmos o ponto de vista de que o processo educativo é um processo seletivo, destinado a retirar da massa alguns privilegiados para uma vida melhor, que se fará possível exatamente porque muitos ficarão de fora a serviço dos “educados”, então o sistema funciona, exatamente, porque não educa todos, mas somente uma parte. (p. 6)

Estas são duas das tabelas³, baseadas nas matrículas dos alunos, estudadas por Anísio Teixeira e por Darcy Ribeiro, respectivamente, que os levaram às afirmações que evidenciamos acima:

Tabela1: ALUNOS MATRICULADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Anísio Teixeira

ANOS	1ª SERIE	2ª SERIE	3ª SERIE	4ª SERIE	5ª SERIE	GERAL
1944	610.767	379.291	282.439	174.543	30.152	1.477.192
1945	628.333	393.528	275.837	175.846	29.574	1.503.118
1946	684.395	407.857	299.751	180.662	31.816	1.604.481
1947	730.157	434.969	309.212	193.889	23.004	1.691.231
1948	790.580	471.722	339.783	209.328	12.621	1.824.034
1949	652.077	475.942	347.914	217.124	10.593	1.903.650
1950	913.478	513.382	360.543	225.606	14.935	2.027.944
1951	989.023	526.991	382.540	239.508	14.313	2.152.375
1952	1.039.199	557.680	390.995	235.797	16.333	2.258004
1953	1.098.017	570.012	412.138	262.844	14.196	2.357.207

**Tabela 2: ALUNOS MATRICULADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL –
aprovação**

Darcy Ribeiro

ANOS	1975	1976	1977	1978	%
1ª SERIE	1.000	-	-	-	100
2ª SERIE	-	486	-	-	48,6
3ª SERIE	-	-	464	-	95,47
4ª SERIE	-	-	-	417	89,87

³ Estas tabelas foram retiradas do artigo "Educação não é privilégio" e do "Livro dos CIEPs", respectivamente, cuja referência se encontra ao final deste estudo.

Apesar de verificarmos uma percentagem alta de matrícula na 4ª série, temos que levar em consideração que, de 1000 alunos matriculados na 1ª série, menos da metade chegam até a 4ª série.

Assim, com os números obtidos nestas pesquisas e com a experiência vivida por Darcy Ribeiro ao lado de Anísio Teixeira na implantação das Escolas-Parque em Brasília, Darcy, com total apoio do governador Leonel Brizola, e com a ajuda do professorado, conjugou idéias de professores atuantes da rede de ensino público e arquitetou o Programa Especial de Educação - PEE.

A diretriz básica do PEE era a recuperação da escola pública, colocando-a efetivamente ao alcance de todos. Para isso construíram, na década de 80, os Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs, escola que deveria funcionar em horário integral e tinham por meta levar educação de qualidade aos locais mais desfavorecidos do estado do Rio de Janeiro, equiparando as condições sociais - básicas de sobrevivência - do alunado e dos profissionais atuantes na escola.

Para atingir os objetivos do PEE o Governo estabeleceu como metas:

- Melhorar a qualidade da merenda escolar, pois com fome não se aprende;
- Acabar com o terceiro turno, garantindo que cada criança permanecesse, pelo menos, cinco horas na escola;
- Buscar profissionais comprometidos em ensinar valorizando o que o aluno já sabe, respeitando suas características;
- Proporcionar moradia para possíveis alunos residentes;
- Incentivar programas de treinamento em serviço e seminários de ativação pedagógica, para fomentar a política de valorização do profissional da educação;
- Revisar e distribuir o material didático para as crianças de baixa renda;
- Implantar 150 Casas da Criança e 500 CIEPs;

- Estabelecer os requisitos de formação pedagógica e experiência docente indispensáveis para o desempenho do cargo de direção das escolas.

E, assim, surgiu o projeto CIEP, como uma escola que fosse capaz de solucionar todos os problemas apontados na educação, ou seja, a escola dos sonhos de cada brasileiro.

2.1 – Aspectos físicos

O governo do estado precisava, para colocar o Programa Especial de Educação em prática, de um prédio escolar que acomodasse um grande número de alunos, de maneira confortável, com a infraestrutura proposta por este plano, de forma a conciliar tempo, dinheiro e qualidade. A idéia de utilizar a técnica do concreto pré-moldado, sugerida por Oscar Niemeyer, e que possibilitou montar cada CIEP como um jogo de armar, em um prazo mínimo de quatro meses, gerou um projeto-padrão que ficou 30% mais barato que uma obra que utilizasse a técnica convencional de fazer a concretagem no próprio local de construção.

A utilização do concreto pré-moldado possibilita conter despesas consideráveis. Durante a inauguração do primeiro de todos os CIEPs, batizado com o nome de Tancredo Neves, o próprio Governador Leonel Brizola comparou os custos da construção civil e os do projeto de Niemeyer. Pelos seus cálculos, o CIEP Tancredo Neves custou, em 1985, Cr\$ 3 bilhões e 978 milhões, enquanto um edifício com a mesma metragem custaria, na mesma época, Cr\$ 5 bilhões e 737 milhões. 150

O CIEP é uma escola que funciona das 8 horas da manhã às 5 horas da tarde, com capacidade para abrigar 1000 alunos. Foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e suas edificações compreendem três construções distintas: um edifício principal com três pavimentos ligados por uma rampa central, onde no primeiro pavimento estão a cozinha, com capacidade de preparar até mil refeições entre desjejum, almoço/janta, lanche; o refeitório, com capacidade para acomodar 200

crianças; o centro de assistência médica e odontológica; e um amplo pátio para recreações.

No segundo pavimento estão localizadas as salas de aula e de estudo dirigido; o auditório; a administração; no terraço, há uma área reservada para atividades de lazer e dois reservatórios de água.

O segundo bloco é um ginásio coberto, onde funciona uma quadra de esportes polivalente com arquibancadas, que também serve de auditório para apresentações teatrais, shows de música, festas entre outras atrações, e abriga os banheiros/vestiários e um espaço reservado para guarda de materiais. No terceiro bloco, de forma octogonal⁴, fica a biblioteca e, sobre ela, as moradias para alunos-residentes.

Para os terrenos onde não fosse possível instalar todas as três construções que integraram o Projeto-Padrão, foi elaborada a alternativa denominada CIEP compacto, que é composto apenas pelo Prédio Principal, ficando no terraço a quadra coberta, os vestiários, a Biblioteca e as caixas d'água.

Numa primeira fase, foram construídos sessenta CIEPs. Nestes primeiros Centros, as moradias para alunos-residentes não estavam sobre a biblioteca, mas no terraço do bloco principal. Até o final de 1986, previa-se a construção de mais 100 CIEPs. A implantação destas escolas estava dividida em, pelo menos, quatro fases. A meta era chegar à construção de quinhentas destas escolas.

Os CIEPs foram construídos por firmas privadas de engenharia, que utilizavam os módulos de argamassa preparados pela Fábrica de Escolas. Cada firma de engenharia responsável pela construção de um determinado número de CIEPs precisava implantar uma verdadeira fábrica de pré-moldados, para obter o jogo completo das peças estruturais, que são: os pilares do Prédio Principal, os pilares do

⁴ Vale ressaltar que o formato octogonal da biblioteca do CIEP é idêntico ao formato da biblioteca do projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, pensado por Anísio Teixeira na década de 50. Isto nos faz pensar que não só o princípio de educação integral serviu de inspiração para o projeto do CIEP, mas também algumas das estruturas prediais.

Salão Polivalente, as lajes que se apóiam nos pilares e as "gaivotas" (vigas em forma de "y" especialmente projetadas por Niemeyer para a cobertura do Salão Polivalente).

Os CIEPs estão localizados, preferencialmente, onde se encontram as populações mais desprivilegiadas do Município e do Estado do Rio de Janeiro.

Na década de 90, o governo federal implantou no sistema educacional brasileiro o Centro Integrado de Apoio à Criança – CIAC, com uma estrutura predial diferente do CIEP, mas baseado no Programa Especial de Educação.

Atualmente, temos conhecimento de que foram construídos 506 CIEPs. Destes, 97 foram entregues à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que os utiliza como meros edifícios, abrigando a velha escola de turnos em sua grande maioria. Os 409 restantes estão sob administração estadual da educação. Destes, 343 funcionam como CIEPs de 1ª a 5ª série, oferecendo 205 mil vagas nos cursos diurnos e 137 mil nos cursos noturnos. Os outros 66 são Ginásios Públicos, que dão cursos de 6ª a 8ª séries do ensino fundamental e de 1ª a 3ª no nível médio, atendendo a 58 mil alunos presenciais e a outros tantos em programas de educação à distância.⁵



⁵ Os dados para a elaboração deste parágrafo foram retirados da página eletrônica oficial do Partido Democrático Trabalhista, cuja referência/endereço se encontra ao final deste estudo.

2.2 – Fundamentos político-filosóficos

O compromisso maior do Programa Especial de Educação era elevar o nível de instrução, e, por conseguinte, a auto-estima dos indivíduos participantes das classes populares, pois acreditava que oferecer uma boa educação era contribuir para uma melhor **redistribuição social**. Para isso, este programa apostava na **formação de um sujeito autônomo, crítico e participante efetivo da sociedade**.

O seu projeto político apostava numa **concepção filosófica sócio-interacionista**, onde o homem deveria ser o construtor do seu próprio conhecimento, a partir de experiências trocadas com o meio que o cerca. Diante disto, não estaria errado afirmar que a base do trabalho pedagógico nestas escolas é a **experimentação** e o incentivo às crianças a pensarem por si mesmas, tornando o conhecimento uma constante reconstrução de experiências.

Numa concepção sócio-interacionista, a formação do cidadão cabe ao professor que também se desenvolve, cresce, forma-se na interação com os alunos. Ele tem o papel de mediador da interação aluno-meio. A mediação é o próprio diálogo, a forma de o professor se comunicar e de como ele permite a comunicação intra e entre grupos, o que o torna um parceiro experiente. Neste sentido, não só o professor é mediador, mas o próprio aluno se faz mediador do conhecimento construído.

Nesta interação, **ensinar e aprender** não poderia deixar de ser um **momento privilegiado do processo de construção do conhecimento**, no qual se combinariam **aspectos cognitivos e afetivos**, o que faria recuperar a própria maneira como os homens fazem a sua História, combinando razão e paixão, não podendo deixar de ser também o momento privilegiado de uma prática pedagógica no qual aqueles que se caracterizavam,

sobretudo por "sentir" passam a adquirir a capacidade de "compreender e saber", enquanto os que se distinguem por seu "saber" aprendem a "compreender e sentir", forjando lado a lado uma nova concepção de mundo e uma sociedade diferente. (RIBEIRO, 1986, p.70).

A luta do Programa Especial de Educação era tornar a escola mais democrática e menos seletista, com uma prática a serviço dos interesses populares. Para isso, apostava na **valorização da Escola como instrumento de apropriação do saber**. A condição para que a Escola atingisse seus objetivos era garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que teriam ressonância na vida dos alunos. Entendida nesse sentido, a educação é "uma atividade mediadora no seio da prática social global": O aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada para uma visão sintética, organizada e uniforme.

2.3 – Aspectos pedagógicos

Os CIEPs atendiam em média mil alunos (de 1ª a 4ª ou de 5ª a 8ª), em dois turnos, basicamente. O primeiro turno funcionava em **horário integral** - de 8hs às 17hs, com aulas de recreação, ginástica, participação em estudos culturais, assistência médica e odontológica, três refeições e banhos diários para os alunos de 6 a 13 anos. Já o segundo turno funcionava de 18hs às 22hs (horário noturno), e a instituição trabalhava com os jovens entre 14 e 20 anos, com a finalidade de auxiliá-los na complementação dos seus estudos. Com este modelo de funcionamento, o CIEP esperava promover a integração entre os estudos curriculares, atividades recreativas e artísticas para elevar o rendimento do aluno.

A proposta pedagógica dos CIEPs visava a **interdisciplinaridade**, de modo que o trabalho de cada **professor** integrasse, complementasse e reforçasse o trabalho dos demais. Todos participavam de um **treinamento em serviço** e de reuniões que estimulavam a constante troca de idéias e vivências. Acreditava que os professores, num projeto integrado, poderiam desenvolver uma **ação educativa que ultrapassasse os muros da escola**, garantindo que o fenômeno educacional transcendesse e ganhasse as ruas com uma proposta educacional inclusiva e reivindicatória de participações, favorecendo assim, a conscientização de todos quanto ao sentido global

da educação. Nesta perspectiva, a tarefa primordial do CIEP era **introduzir a criança no domínio do código culto, valorizando a bagagem e a vivência de cada uma delas.**

A interdisciplinaridade não deveria ser vista como puro jogo de conteúdos e conceitos estanques desenvolvidos por cada professor, mas sim, como um jogo onde cada disciplina se estruturava a partir do suporte filosófico que orientava a proposta político-educacional do CIEP. Dessa forma, todas as disciplinas desenvolveriam o espírito crítico e reflexivo do aluno, aumentando seu vocabulário, estimulando sua expressão oral e sua capacidade comunicativa.

As atividades de **animação cultural** contribuíram para implantação deste trabalho integrado com a comunidade, para recuperação do papel político e social da escola e para a construção de uma escola coletiva. Estas atividades culturais, além de auxiliarem na aprendizagem dos alunos, com valorização do trabalho criativo no espaço escolar, também possibilitavam um reencontro com o próprio prazer de aprender, tornando-se assim, a ponte viva que levava a comunidade para dentro da escola e vice-versa.

A proposta do CIEP apresentou **mudanças curriculares, metodológicas e de gestão** importantes, que contribuíram para uma nova visão de escola pública. Estas mudanças surgiram a partir de um estudo diagnóstico que apontou para a seguinte direção, como descreveu Darcy Ribeiro no Livro dos CIEPs, em 1986:

- A melhoria da qualidade de ensino nas classes de alfabetização como principal desafio para a construção de uma escola que atendesse as necessidades da clientela popular.
- Reconhecimento e valorização do talento e da sensibilidade daqueles professores que, apesar de todas as dificuldades, conseguem na prática alfabetizar, para que se possa aprender com eles, vendo-os trabalhar e analisando seu modo de atuar.

- A importância e urgência de contar com centros de experimentação de material didático e de metodologias de ensino, bem como com núcleos de demonstração dos processos de ensino, voltados para a arte de ensinar.
- Reconhecimento e valorização da vivência e da experiência da criança, servindo de ponte entre o reconhecimento prático já adquirido por ela e o conhecimento formal que é exigido pela sociedade letrada.
- Ao invés da transmissão conteúdos desligados da realidade e dos interesses dos alunos, a principal tarefa do professor seria ajuda-los a desenvolver seu raciocínio, para que aprendam a se colocar diante de problemas e se sintam capazes de resolvê-los.

O segundo Programa Especial de Educação previa uma ampliação do primeiro programa. Cada unidade, ou seja, cada CIEP era visto como Centro de treinamento, onde o eixo principal continuava sendo o tripé: **Cultura-Educação-Saúde** que estaria a serviço dos alunos, dos professores e da comunidade.

O trabalho de formação continuada dos docentes contava com a colaboração da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que oferecia bolsas de estudos para o Programa de Treinamento em Serviço⁶. A assistência educacional estava por conta dos programas de:

Estudo dirigido – seu objetivo era o de possibilitar ao aluno um acompanhamento mais individualizado e mais sistemático do seu processo de aprendizagem. Com atividades individuais ou coletivas, com ou sem auxílio do professor, os alunos desenvolvem tarefas, de forma autônoma, que possibilitam a construção dinâmica do seu conhecimento e o despertar para o prazer de estudar.

⁶ Este programa, com duração de 2 anos, consistia na formação de um grupo de 5 jovens professores orientados por 1 professor universitário. Nos encontros eram discutidas avaliações e a prática educativa nos CIEPs.

Laboratório de Informática Educativa – as salas de informática foram projetadas para a reciclagem, ou seja, o auxílio da formação continuada dos professores e a experimentação dos alunos, pois o computador por ser dinâmico e interativo possibilita as pessoas (crianças e adultos) a testarem hipóteses e encarar o erro como parte do processo de aprendizagem. Assim, a utilização dos computadores ajuda na construção de uma escola democrática e nas relações mais abertas, dialógicas, provocativas e logo na formação do conhecimento.

Teledifusão Educativa – consiste na utilização da televisão como instrumento pedagógico. O objetivo é oferecer uma diversidade de programas educativos e culturais que podem ser utilizados: na sala de aula como material de apoio didático vinculado à uma videoteca; no estudo dirigido como um reforço aos estudantes, trabalhando com vídeos produzidos especificamente para cada disciplina; no treinamento em serviço com a produção de programas de capacitação do magistério.

Foi implantado em caráter experimental, nos CIEPs, um programa paralelo ao já existente, chamado de **Ginásio Público**. Estes ginásios funcionaram em sessenta e oito prédios de CIEPs, com um currículo pedagógico que rearticulava as antigas 5^a, 6^a, 7^a, 8^a séries do 1^o grau e as 1^a, 2^a, 3^a séries do 2^o grau, em cinco anos do curso. Assim, com cinco anos no Ginásio Público, o aluno terminaria o segundo segmento do ensino fundamental e o 2^o grau completo e estaria apto a enfrentar o mercado de trabalho ou a Universidade.

Nesses Ginásios, o **horário integral era opcional**. O currículo básico obrigatório era oferecido pela manhã ou pela tarde, e as **oficinas livres**, que possibilitavam um caminho vocacional, eram oferecidas em **horários alternativos**. O jovem que precisava enfrentar o mercado de trabalho poderia abrir mão dos cursos livres e manter o seu emprego pela manhã ou à tarde. À noite, os Ginásios ainda teriam o ensino à distância, permitindo aqueles, que utilizando sua própria conveniência e capacidade de assimilação, e que não tiveram oportunidade no tempo próprio, completar seu 1^o ou 2^o grau em um, dois ou três anos.

Os CIEPs atendiam a três requisitos essenciais de uma escola popular eficaz. Espaço para a convivência e as múltiplas atividades sociais durante todo o largo período da escolaridade, tanto para as crianças como para os professores. O Tempo indispensável, que é igual ao da jornada de trabalho dos pais, em que a criança estaria entregue à escola. Essa larga disponibilidade de tempo possibilitaria a realização de múltiplas atividades educativas como Estudo Dirigido, a freqüência à Biblioteca e à Videoteca, o trabalho nos laboratórios, a educação física e a recreação. Além da capacitação dos profissionais de educação, pois o professor, por mais que se desenvolva a tecnologia educativa, continua sendo o centro da prática educativa.

A proposta pedagógica dos CIEPs preocupa-se, principalmente com a formação docente, pois o professor é o grande mediador do processo ensino-aprendizagem. Portanto o CIEP, como inovação de escola pública, não poderia ter no seu quadro de docentes professores que estivessem comprometidos com o ato de educar voltado pra transferência de conhecimentos e não para troca de saberes com os alunos, pois, como afirma FREIRE (1996), *“não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”* (p.25). E nisto se resume a proposta do CIEP, todo trabalho pedagógico constitui uma constante transformação onde quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

3 - E o sonho, foi realizado, quase vinte anos depois?...

A escola dos sonhos dos brasileiros teve o seu tempo de vida produtiva, que se manteve, por pelo menos oito anos, nas duas gestões do governador Leonel Brizola, entre implantação do projeto e funcionamento das escolas. Neste período, como vimos anteriormente, funcionava o I Programa Especial de Educação, que tinha a meta de construir cerca de 500 Centros Integrados de Educação Pública – o CIEP, o que só foi atingido na segunda fase do Programa – que funcionaria com a proposta de Educação em Tempo Integral e acabou tendo o seu currículo desmontado e funcionando com dois ou três turnos como as escolas da rede convencional.

Na década de 90, com o governo federal sob gestão de Fernando Collor de Mello, o projeto de educação para todos voltou a funcionar como uma ampliação do projeto anterior, ou seja, o da primeira gestão de Leonel Brizola, e recebeu o nome de II Programa Especial de Educação. Este segundo programa resultou na manutenção dos CIEPs que estavam em funcionamento e na construção dos demais - a fim de atingir a meta do primeiro programa, e na criação dos Centros Integrados de Apoio à Criança – CIACs. Este último não obteve o mesmo sucesso dos CIEPs, pois poucas unidades foram construídas e um número mais reduzido ainda conseguiu sobreviver após a gestão de Collor. No município do Rio de Janeiro, por exemplo, temos conhecimento de unidades que estão em funcionamento dentro dos seguintes bairros: Inhoaíba, Jacarepaguá e Maré.

Vinte anos se passaram e podemos afirmar que é como *“procurar uma agulha no palheiro”* encontrar uma escola derivada dos Programas Especiais de Educação que funcione de acordo com a sua proposta de educação. Não se discute, até por uma questão de localização geográfica, que estas escolas realmente pretendiam elevar a auto-estima do alunado através da educação. Com o passar dos anos e das gestões governamentais a proposta educacional do CIEP foi se deteriorando até chegar ao que temos hoje: uma escola sem unidade e sem identidade com o projeto original. Diversos

fatores podem ser apontados para ilustrar/justificar a descaracterização que os CIEPs vivem hoje, tais como:

- Guerra Política – gestões posteriores às do governador Brizola não deram continuidade ao projeto do CIEP, deixando de financiá-lo. As justificativas para a diminuição da verba passam pelo crivo de não valorizar um projeto da gestão anterior – brigas de partidos; prioridades políticas de ação e gestão diferentes das de Brizola; e por incrível que pareça, acabar com a imagem pública do idealizador destas escolas populares.
- Escassez de verba – o item anterior justifica o encurtamento da verba para manutenção do projeto. Esta situação se refletiu na ação administrativa destas escolas, que teve que rever seus planos e metas e adequá-los dentro da nova realidade política encontrada. A escassez de verba comprometeu quase toda parte pedagógica inovadora do CIEP, pois sem dinheiro não houve a possibilidade de equipar laboratórios, renovar bibliotecas etc.
- Localização geográfica – os CIEP foram construídos em comunidades desfavorecidas monetariamente, com a intenção de integrar os participantes destas à sociedade vigente. Sua política de interação e respeito às vivências dos alunos, com o passar do tempo, fez com que o CIEP tivesse, de uma certa forma, o perfil daquela comunidade. Portanto se esta escola está instalada em uma comunidade politizada e com certo grau de conhecimento de realidade social os alunos formados nela serão mais bem integrados a esta sociedade do que alunos formados em escolas instaladas em comunidades onde o crime organizado é exaltado e se apropria da escola.

Exemplo disto é o relato do professor Gustavo⁷ sobre um CIEP onde era professor há um ano. Este CIEP está localizado em um vale onde os morros que

⁷ O Professor Gustavo é Diretor Adjunto do CIEP 392 – Mario de Andrade. Entrevistado sobre a situação atual dos CIEP, com ênfase na escola onde atua. Sua trajetória conta 10 anos de experiência de atuação dentro dos CIEPs, ora como diretor ora como professor de História e Música.

o cercam são de facções rivais. Das salas de aula é possível ver toda atuação dos marginais e o comércio de drogas. Os barracos começam onde termina o muro da escola, que serve de contenção para o morro. O diretor é uma marionete nas mãos dos traficantes.

Agora, pensemos juntos: que tipo de trabalho de integração pode ser desenvolvido nesta comunidade, onde as crianças crescem com horror à polícia e com paixão pela vida do crime, do poder, das armas? E pior, onde qualquer trabalho pedagógico que possa despertar um sentimento contrário a este o profissional da educação pode ser ameaçado?

- Substituição dos profissionais – são poucas unidades escolares que mantiveram por estes quase 20 anos os mesmos funcionários. Muitos saíram junto com a gestão do governador Brizola, outros foram substituídos e novos profissionais chegaram. Este também aparece como um fator de descaracterização do PEE, pois cada escola tem o perfil da sua administração, ou em alguns casos da sua comunidade. E nem sempre estes novos funcionários se identificavam com a proposta do PEE, muitos não se mostravam favoráveis à proposta de treinamento em serviço e mantinham sua prática somente no “*cuspe e giz*”.

Como podemos observar são muitos os fatores que, juntos, contribuíram para o insucesso do PEE. O CIEP de hoje, retrata o atual estado que vive a Educação brasileira – o descaso com que é tratada e a intenção explícita dos governantes em formar/fabricar cabeças alienadas e de fácil manipulação.

Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira justificaram a implantação do CIEP e da Escola Parque afirmando que as escolas são pensadas para as elites e por isso devemos democratiza-las, tornando-as mais populares. Ambos chegaram a esta conclusão através de estudos estatísticos que tinham como variável a matrícula das crianças nas séries da Educação Básica. A solução apontada para o problema foi criar

uma escola que fosse mais democrática para assegurar a permanência das crianças em sala de aula, diminuindo assim, o processo de evasão escolar.

Desde a década de 50 sofremos o mesmo problema de evasão escolar, principalmente nas classes populares. Se existe alguma mudança, podemos analisa-la pelo fato que antes, na escola pública, havia um espaço privilegiado para as elites, e hoje a clientela destas escolas é quase na sua totalidade oriunda de classes populares. Se antes a escola pública era elitista, hoje a “Educação” no geral é elitista, como afirma Anísio Teixeira (1986):

"o processo educativo é um processo seletivo, destinado a retirar da massa alguns privilegiados, e muitos ficarão a serviço dos educados, pois o processo não educa a todos" (p.6)

As escolas públicas da Educação Básica não são mais a referência em formação como era em alguns anos atrás, hoje o ensino privado domina a formação das “elites” (elite no sentido de formar cabeças pensantes). No Ensino Superior, ainda vivemos o tempo de glória da educação pública, pois o ensino desta modalidade é considerado muito melhor do que o da maioria das instituições privadas.

Os quadros abaixo, foram obtidos através do site do INEP – Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Escolares e mostram o resultado do censo escolar da Educação Básica referente às matrículas e ao rendimento escolar dos últimos anos.

Tabela 3: MATRICULADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA

ANO	1ª Série		2ª Série		3ª Série		4ª Série		5ª Série		GERAL	
	7 a 14 anos	> de 14 anos	7 a 14 anos	> de 14 anos	7 a 14 anos	> de 14 anos	7 a 14 anos	> de 14 anos	7 a 14 anos	> de 14 anos	7 a 14 anos	> de 14 anos
2000	4.837.602	360.361	4.311.993	317.911	3.858.985	505.321	3.350.218	557.907	3.080.137	1.281.252	19.438.935	3.022.752
2001	4.734.297	327.779	4.100.248	257.568	3.769.625	446.877	3.432.582	507.481	3.118.781	1.248.304	19.155.533	2.788.009
2002	4.627.423	255.966	4.116.811	214.368	3.702.221	381.279	3.453.334	448.762	3.240.709	1.176.780	19.140.498	2.477.155
2003	4.446.057	189.443	4.090.653	175.023	3.722.104	292.863	3.409.699	385.032	3.299.873	991.799	18.968.386	2.034.160

Fonte: MEC/INEP

Tabela 4: TAXAS DO RENDIMENTO ESCOLAR – Ensino Fundamental da Rede Pública

ANO & SERIES	APROVAÇÃO (%)					REPROVAÇÃO (%)					ABANDONO (%)				
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
2000	69	74	79,2	81,4	71	16	14,5	10	8,9	12	15	10,7	10,8	9,7	17
2001	72,6	77,5	81,3	83,3	72,2	16,2	14,7	10,3	9,5	13,1	11,2	7,8	8,4	7,2	14,7
2002	74,1	78,3	82	84	71,6	16,2	15,3	10,9	9,8	14,5	9,7	6,4	7,1	6,2	13,9

Fonte: MEC/INEP

Estas tabelas mostram claramente que houve um aumento significativo nas matrículas nas séries iniciais do Ensino fundamental. Porém, a cada ano perdemos uma parcela destes alunos. As taxas de reprovação e abandono somadas, em média variam de 30% a 35%, correspondendo a mais ou menos um terço do número de crianças matriculadas.

A que podemos relacionar esta taxa tão alta? Sabemos que os problemas sócio-econômicos dos brasileiros obrigam as crianças a saírem de casa na busca de trabalho para aumentar o orçamento familiar. Porém as tabelas também mostram que existe uma parcela grande de jovens que voltam à escola depois dos 14 anos para completar os estudos.

Os números continuam tão expressivos quanto os das décadas de 50 e 80, e a educação continua seletiva. Tem qualidade e oportunidade de crescimento intelectual aquele que pode pagar para aumentar a bagagem do seu conhecimento, o restante sempre terá uma chance para chegar lá, porém aqueles que chegarem serão sempre a exceção e não a regra. A educação ainda não foi democratizada.

O CIEP, como já citamos acima, foi uma tentativa de democratização do saber, porém sua proposta inovadora teve seu tempo de vida útil. Hoje em dia seus alunos engrossam as estatísticas que mostramos acima. Seus prédios funcionam como escolas comuns que nada têm de inovadoras, dependendo da administração do seu gestor/diretor para que o trabalho flua da melhor maneira possível.

No entanto, alguns CIEPs, apesar de não funcionar com turmas de horário integral, tentam não desvirtuar a proposta original do PEE. Com esta característica, posso citar o CIEP 135 - Afonso Henriques Lima Barreto, localizado em Villar dos Telles (Baixada Fluminense), que mantém a mesma diretora há 18 anos, o que facilita a conservação do perfil da escola, a identidade com o PEE, e a continuidade do trabalho que foi iniciado há 20 anos atrás. Já o CIEP 392 – Mário de Andrade, localizado em Santa Cruz (último bairro da Zona Oeste, no município do Rio de Janeiro), bairro com o

menor índice de desenvolvimento humano do município, não mantém tanta identidade com o projeto original do PEE, como verificaremos a seguir.

3.1 – O CIEP 392 – Mário de Andrade

Localizada na Estrada Vítor Dumas s/nº - Dumas - Santa Cruz, esta escola funciona com três diretores, dezessete salas de aula e quarenta e cinco turmas divididas em três turnos:

- Manhã – 7hs às 12:20hs: quatro turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e treze turmas do Ensino Médio.
- Tarde – 12:40 às 18hs: cinco turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e nove turmas do Ensino Médio.
- Noite – 18hs às 22hs: quatro turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e dez turmas do Ensino Médio.

Visitei o Mário de Andrade em dois momentos diferentes. O primeiro momento, em outubro de 2004, quando havia acabado de acontecer um processo de eleição para nova direção. A diretoria eleita ganhou da chapa rival com uma diferença expressiva de votos da comunidade escolar. O segundo momento, um ano depois, em outubro de 2005. Neste segundo momento, havia na administração da escola uma comissão gestora, desta vez instituída pelo Estado, para resolver os problemas de má gestão e má utilização do dinheiro público deixados pela gestão anterior. A primeira gestão foi retirada da administração da escola pelo Estado e pela própria comunidade escolar que a elegeu. Um importante exemplo de poder que emana do povo.

A escola está inserida numa comunidade onde não sofre pressões com o tráfico de drogas, ou qualquer problema externo que venha mudar o direcionamento dado pelo seu gestor. As pessoas no geral são de pouca instrução, portanto não se tem registro de nenhuma representatividade política que interceda no trabalho pedagógico da escola.

Sua localização fica no interior de Santa Cruz , numa área com pouca urbanização e com muita gente simples e humilde, mas como é comum nos CIEPs, sua clientela não é só de pessoas desta comunidade. O Mário de Andrade recebe alunos dos bairros e de comunidades adjacentes, como por exemplo, de Sepetiba, Paciência, Cezarão, João XXIII, São Fernando, entre outras.

3.2 – Aspectos físicos do CIEP 392

A estrutura física do CIEP Mário de Andrade conserva a original, desenhada por Oscar Niemayer. A manutenção e conservação do ambiente são feitas com um certo rigor e periodicidade. Em contrapartida, a utilização deste espaço físico nem sempre obedece à proposta orientadora do PEE.

A utilização da biblioteca, por exemplo, até bem pouco tempo era de depósito de livros. A segunda gestão do CIEP criou um projeto para renovar este espaço e torná-lo mais prazeroso ao estudo. Foram trocadas das mesas e cadeiras ao acervo de livros para consulta dos alunos. Segundo depoimento do professor Gustavo, a utilização da biblioteca aumentou bastante, depois da reforma. Outro espaço que não é aproveitado é o espaço reservado para os alunos residentes, nada está instalado neste lugar. No laboratório faltam equipamentos que o torne utilizável.

Os espaços reservados para o consultório médico e dentário são abertos somente quando há campanhas de vacinação. O auditório do segundo andar é utilizado como sala de descanso para professores. Os demais espaços são utilizados normalmente: salas de aula, refeitório, banheiros, pátio etc.

Este CIEP, além da quadra de esporte polivalente, disponibiliza de um campo gramado de futebol, que é utilizado pelos alunos e pela comunidade. Aliás, o CIEP é aberto todos os fins de semana à comunidade, quando não é para campeonatos de futebol, é para eventos como festas de aniversário, eventos de igrejas locais católicas

ou protestantes. Esta é uma das possibilidades que estão previstas no Programa Especial de Educação, ou seja, a intensa **relação com a comunidade local**.

3.3 – Fundamentos político-filosóficos

A primeira gestão elaborou um projeto político com referência teórico-metodológica nos PCNs, com proposta de avaliar, discutir e aprofundar todo sistema educacional em esfera coletiva.

O objetivo principal era priorizar o domínio da compreensão dos fundamentos científicos tecnológicos nos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, estimulando o senso crítico e permitindo compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Neste sentido, o projeto pedagógico deste CIEP se aproxima da filosofia proposta pelo PEE no que diz respeito à utilização da experimentação para tornar o sujeito construtor do seu próprio conhecimento, e assim, tornar-se um sujeito autônomo, crítico e participante efetivo da sociedade.

Dos objetivos específicos fazia parte a busca pela contextualização e incentivo do raciocínio associado com a capacidade de aprender; a fundamentação básica do cidadão com pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo associado a compreensão do ambiente social e político - para o Ensino Fundamental; e preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando – para o Ensino Médio.

O principal pressuposto filosófico que norteia todo o projeto deste CIEP é a concepção sócio-interacionista, ou seja, a visão de homem enquanto sujeito inserido em um determinado contexto, o que auxilia no desenvolvimento da interdisciplinaridade e transversalidade. Novamente, temos a presença marcante do PEE.

O projeto afirma que mais importante que pôr escolas no mundo é pôr o mundo dentro da escola. Portanto é fundamental reconhecê-lo como laboratório onde o

que conta é descobrir e o descobrir-se nele. Aqui entendemos um pouco melhor a importância da localização dos CIEPs, não só como escola para os desprivilegiados, mas como a escola que vai buscar no mundo o conteúdo a ser trocado com os alunos. É como a célebre frase de Paulo Freire *“a leitura do mundo precede a leitura da palavra”*.

O CIEP Mário de Andrade acredita no professor enquanto ser político e artista, enquanto instrumento pronto para ser usado: como uma ponte. E neste sentido a escola deve ser um instrumento mediador entre o senso comum e o conhecimento científico possibilitando o crescimento individual e coletivo do aluno. Em nossa primeira visita, recebemos o Projeto Político-Pedagógico da escola, em que constavam estes pressupostos. No entanto, não nos foi possível avaliar sua concretização, no cotidiano da escola.

Em nossa segunda visita, percebemos que, apesar da nova gestão ainda não ter confeccionado seu Projeto Político Pedagógico a filosofia do trabalho desenvolvido está na concepção da escola como uma empresa, com profissionais competentes, desde a faxineira ao professor em sala de aula. O trabalho deve ser organizado de forma que todos sejam valorizados e se sintam satisfeitos com a função desempenhada.

Por enquanto, o projeto antigo ainda vigora. O diretor adjunto costuma fazer reuniões com a representatividade dos alunos periodicamente, para colher deles o que eles gostariam que melhorasse na escola, ou mesmo ouvir sugestões. A mesma reunião acontece com os docentes. Entendemos esta atitude como uma tentativa de abertura para a **gestão democrática** na escola, apesar da direção não ter sido escolhida pela comunidade. Nossa hipótese é de que, por ter sido empossada sem esse aval, a nova diretoria procura estar cada vez mais próxima à comunidade, levando suas demandas para o trabalho gestor efetivo dentro do CIEP.

3.4 – Aspectos pedagógicos

A atual gestão do CIEP Mário de Andrade alega que para trabalhar em conformidade com o Programa Especial de Educação seria necessário que o investimento no CIEP voltasse ao que era há vinte anos atrás.

Segundo o diretor adjunto, Professor Gustavo, por em prática a proposta do PEE requer financiamento que possa garantir aos alunos, pelo menos oito horas de jornada escolar com atividades variadas, o que conhecemos como Educação Integral em Tempo Integral; trabalho interdisciplinar, com pesquisa de campo (passeio) e com projetos/programas bem elaborados, integrando todas as disciplinas e dando o suporte que cada uma precisa; laboratórios de informática e ciências bem equipados para propor que os alunos aprendam fazendo, para que se tornem sujeitos do seu conhecimento, assim como a teoria da experimentação preconiza.

Esta gestão está na escola há cinco meses, como já foi mencionado anteriormente, e o diretor afirma, apesar das críticas, que esta comissão gestora ainda não pensou em estratégias pedagógicas para implantar neste CIEP, prevalecendo, portanto o projeto político e pedagógico da gestão anterior. Ainda assim, percebe-se pelos cartazes espalhados nos murais, que existe uma Gincana de Matemática acontecendo, o que auxilia na interação entre alunos e professores, melhorando o processo de motivação.

O trabalho pedagógico da gestão anterior era realizado através de projetos anuais. Na época em que visitei o CIEP, o projeto que estavam implantando era sobre o Meio-ambiente: uma questão sócio-cultural. Neste projeto, o aluno era o foco e agente de sua própria aprendizagem, articulando de forma interdisciplinar a experimentação e a produção de conhecimento.

O trabalho foi desenvolvido de forma que cada disciplina, ao longo do ano, realizasse suas atividades práticas relacionando ao conteúdo a ser trabalhado. Uma disciplina foi se aproveitando do saber institucionalizado pela outra. As atividades propostas consistiam, entre outras, em fazer entrevistas com crianças que vendem bala

no sinal de Santa Cruz; visitar as praias da redondeza (Sepetiba, Pedra de Guaratiba); fazer paródias de músicas e poesias tendo como tema o meio-ambiente, aproveitamento de materiais em desuso, reciclagem para outras atividades concretas, por exemplo.

Este tipo de atividade está diretamente ligado aos pressupostos do PEE, mostrando que a ação educativa transcende os muros da escola e novamente a experimentação fazendo do mundo seu laboratório de aprendizagem.

Considerações finais

Comecei este trabalho mostrando que a Educação Brasileira é tema que gera discussões e que uma das vertentes desta discussão é a busca para formação de cidadãos críticos e autônomos. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro com projeto pedagógico inovador tentaram propor esta formação plena ao cidadão. Mas como afirma Guiomar Namó de Mello, em entrevista a Folha Online “(...) *infelizmente educação não é uma coisa unidimensional. Tudo que tem mais de uma dimensão não tem uma única solução, nem um único problema*”. (24/06/2005)

Um dos problemas da educação brasileira, e talvez o mais crítico, é o político, ou melhor, a falta de vontade política. Vontade de continuar trabalhos que deram certo, vontade de melhorar o grau de instrução da nação, vontade de formar cidadãos conscientes e críticos da política vigente, vontade de melhorar as condições de trabalho dos profissionais da educação, vontade de compreender que quantidade é diferente de qualidade, que não adianta abrir vagas, colocar mais crianças na escola se o produto final vai ser um analfabeto funcional. Educação requer investimento e cuidado.

Não resta dúvidas que o CIEP foi um programa que ajudaria e ajudou na elevação do nível de instrução das populações ditas “*marginalizadas*”, e que garantia a estas crianças o mínimo necessário de condições de saúde, alimentação e educação. Porém, por falta de vontade política, o projeto se descaracterizou, transformando-se em uma escola igual ou ainda pior, em alguns casos, às que já existiam, sem sequer ser analisado pelos seus resultados, simplesmente para não dar crédito ao seu mentor.

Jorge Cardelli (2003), assim como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, acredita que:

“a escola pública é um espaço privilegiado para a socialização, e suas estratégias de organização, seu compromisso social e a sua voz devem fazer a diferença no impulso para a construção de uma sociedade nova, de uma democracia encaminhada a levar alívio aos mais desfavorecidos.” (p. 71)

Entendendo educação como um processo de humanização capaz de fazer com que a criança se desenvolva como um cidadão pensante, inserido na sociedade e no mundo em que nasce, podemos olhar a escola como uma instituição onde parte desta educação é realizada, e principalmente a escola pública como um espaço que deve estar a serviço do público e do popular, impulsionando a democracia e a cidadania a partir da prática concreta em seus próprios espaços.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARDELLI, Jorge; DUHALDE, Miguel; MAFFEI, Laura – Educação para o Século XXI. 1ªed. São Paulo: Instituto Pólis, 2003, 132p. Coleção Caderno de proposições para o século XXI, 5.

FREIRE, Paulo – A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 22ed. São Paulo: Cortez, 1988, 80p.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

MEMÓRIA, Tatiana Chagas – CIEPs – Exemplos para o Brasil, Rio de Janeiro, mar. de 1994. Disponível em: <http://www.pdt.org.br/diversos/ciepepu.asp>. Acesso em 22 ago. 2005.

RIBEIRO, Darcy – Balanço crítico de uma experiência educacional, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.pdt.org.br/diversos/ciepepu.asp>. Acesso em 22 ago. 2005.

RIBEIRO, Darcy – CIEPs - As escolas integrais, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <http://www.pdt.org.br/diversos/ciepepu.asp>. Acesso em 22 ago. 2005.

RIBEIRO, Darcy – O livro dos CIEPs – Rio de Janeiro, Bloch S.A, 1986.

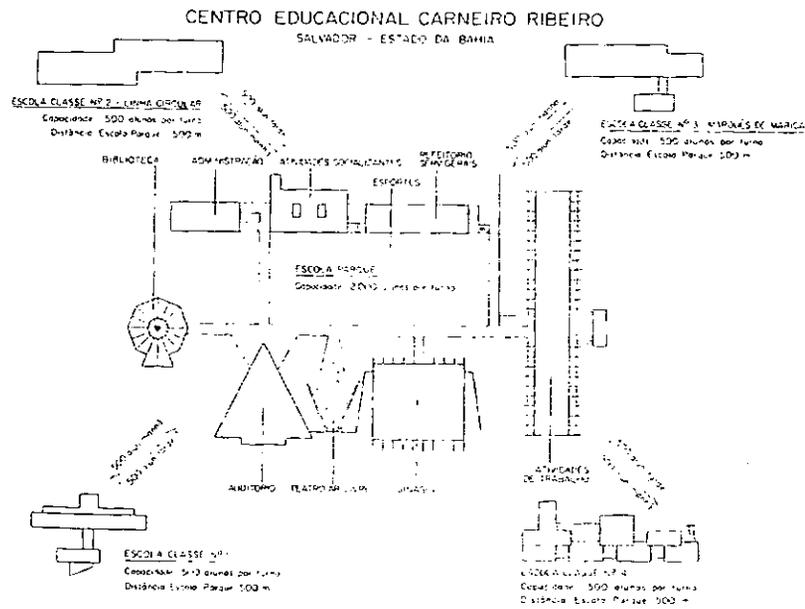
SEGUNDO PROGRAMA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. CIEPs e CIACs – A educação como prioridade

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.70, n. 166, 1989. p. 435-62

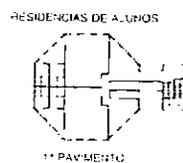
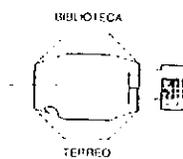
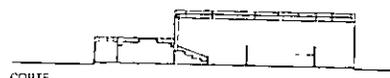
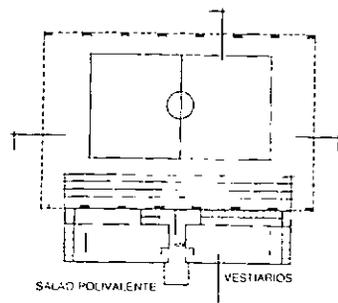
ANEXO

PLANTA DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA PARQUE E DO CIEP

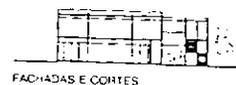
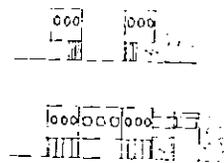
Objetivo: comparar o formato octogonal da biblioteca de ambos os projetos.



CIEP



BIBLIOTECA E RESIDÊNCIAS DE ALUNOS





UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : ALEXSANDRA SAMARITANA F. DOS SANTOSTÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : ESTUDO SOBRE A TRAJE-TÓRIA DOS CIEPS: UM RECORTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRAORIENTADOR : LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado:

Nota

Considerações:

Sul Brasil Pinto Rodrigues
(9,0) (muito)
Na avaliação da monografia de conclusão do Curso de Pedagogia, intitulada "Estudo sobre a trajetória dos CIEPs: um recorte na educação brasileira" inicio minha apreciação pela introdução onde estão apresentados o assunto e o tema do título, que expressam relevância contemporânea, operativa e humana, com adaptabilidade ao nível da autora. A seguir, o

problema é bem formulado, e com especificação bem feita na exploração das hipóteses subentendidas para a abordagem indutiva e o método comparativo no funcionamento pedagógico, inicial e atual, do CIEP- Mário de Andrade - que foi escolhido para o estudo de caso. Há um razoável emprego de bibliografia com alguma pesquisa de crítica bibliográfica que revela desenvolvimento lógico com boa clareza no raciocínio. A conclusão não extrapola o contexto e a redação e a apresentação do trabalho estão corretas. Com exceção de pequeno trecho à p. 28, a linguagem é bastante objetiva e clara. Finalmente, nota-se que foram observadas as normas da ABNT.

Como recomendação sugiro que a autora prossiga na pesquisa do problema da educação integral que é um importante recorte da educação brasileira.

[Handwritten signature]

Segundo avaliador :

Professor orientador :

Luiz Coelho

Nota:

9,0

Considerações:

A monografia apresenta uma boa síntese da Programação do CIEP e descreve as atividades e histórico de uma dessas instituições de ensino hoje, passando aproximadamente 20 anos daquela implantação.

Há coerência teórico-metodológica, faltando apenas uma maior imersão crítica, prejudicada pelo pouco tempo de elaboração do trabalho final.

Pelo espaço e persistência temática, confiro grau 9,0 ao trabalho apresentado, parabenizando sua autora.

Luiz Coelho

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Leandro Coltro

Nota : 10,0

Considerações:

Prezados os senhores, trata-se de uma excelente prova de
juiz de curso

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	10,0	28,0	9,3

Rio de Janeiro, dezembro/2005

(NOME DO/A ALUNO/A)

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês AGOSTO 2005

Dia	02/08/05	09/08/05		
Observações	ORIENTAÇÃO SOBRE MATERIAL	Estrutura da monografia		
Professor	Lelele	Lelele		
Aluno	P.	P.		

Mês _____

Dia				
Observações				
Professor				
Aluno				

Mês _____

Dia				
Observações				
Professor				
Aluno				

Mês _____

Dia				
Observações				
Professor				
Aluno				